HAL
open science

Geografia, educação libertária e escola pública: um programa de emancipação através do saber

Federico Ferretti

To cite this version:

Federico Ferretti. Geografia, educação libertária e escola pública: um programa de emancipação através do saber. Elisée, Revista de Geografia da UEG, 2014, 2 (2), pp.9-24. hal-00950765

HAL Id: hal-00950765

https://hal.science/hal-00950765v1

Submitted on 22 Feb 2014

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Geografia, educação libertária e escola pública: um programa de emancipação através do saber[1]

Federico Ferretti,
da Universidade de Genebra – Suíça
federico.ferretti@unige.ch

Resumo: Este artigo pretende abordar o papel dos geógrafos anarquistas, em particular Elisée Reclus e Pëtr Kropotkin, na fundação do movimento das escolas libertárias, universidades populares e extensões universitárias na Europa entre os séculos XIX e XX, ainda relativamente desconhecido nos debates historiográficos sobre a pedagogia libertária. No mesmo tempo, destacamos o papel de intelectuais libertários próximos de Reclus e Kropotkin, como James Guillaume, na construção do sistema da educação publica e laica na França da Terceira Republica, para esclarecer qual foi o papel da educação libertaria, e da geografia, no estabelecimento dos princípios da educação popular, pública e laica.

Palavras chave: Elisée Reclus. James Guillaume. Pedagogia libertária. Escola pública.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende abordar o papel dos geógrafos anarquistas, em particular Elisée Reclus (1830-1905) e Pëtr Kropotkin (1842-1921), na fundação do movimento das escolas libertárias, universidades populares e extensões universitárias na Europa entre os séculos XIX e XX, e no debate sobre a instituição dos sistemas europeus de educação pública e laica no mesmo período. Durante o exilo na Suíça, esses cientistas travam contato com colegas de pesquisa e militância com os quais irão trabalhar sobre tais assuntos. Um desses contatos, por exemplo, se dá com Charles Perron (1837-1909), organizador do Museu Cartográfico de Genebra e autor dos primeiros panfletos em favor do estabelecimento das escolas libertárias.

[1] Tradução para o português realizada pelo próprio autor.

Esta rede de geógrafos é conectada diretamente com educadores como Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Paul Robin (1837-1912), considerados fundadores da pedagogia libertária, cuja influência é exercida diretamente entre os animadores da Escola Ferrer de Lausanna (1909-1919), entre eles, Henri Roorda van Eysinga (1870-1925). O movimento da pedagogia libertária, inspirador, nos começos do século vinte, de várias escolas modernas em países como Espanha, Suíça, França, Grã Bretanha, Itália, Estados Unidos, Argentina, Uruguai e Brasil (Romani, 2006), é considerado uma influência sobre as sucessivas experiências do ativismo pedagógico e das "pedagogias da libertação", inclusive sobre autores como Céléstin Freinet ou Paulo Freire (CODELLO, 2005; ROSA DA SILVA, 2013). Esse movimento é bastante estudado na literatura internacional sobre a história do movimento anarquista, mas há poucos trabalhos tratam da contribuição específica dos geógrafos anarquistas nestas experiências.

Além disso, é necessário destacar o papel de nomes como os de James Guillaume (1842-1916) e Ferdinand Buisson (1841-1932), (o primeiro deles um anarquista suíço, o segundo, um liberal francês simpatizante do socialismo), na transmissão das ideias sobre educação laica e libertária entre diferentes nações. Estes foram os redatores do célebre *Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire*, obra símbolo do estabelecimento dos sistemas de escolas públicas na França, e que também contou com a participação de geógrafos e anarquistas em sua redação, incluindo os irmãos Reclus, além de Franz Schrader e Paul Robin.

São duas nossas hipóteses: a primeira é que os geógrafos anarquistas tiveram um papel primordial na construção da ideia e da *praxe* da pedagogia libertária. A segunda é que a educação libertária (graças também ao prestigio adquirido por figuras como Guillaume, Reclus e Kropotkin) deu uma grande contribuição na construção dos sistemas de educação pública e laica no âmbito europeu, ainda pouco conhecida. Vamos discutir essas hipóteses analisando as obras e os arquivos dos autores citados, com o auxílio da literatura internacional existente sobre as escolas libertárias, a história do anarquismo e os geógrafos anarquistas.

OS GEÓGRAFOS: ÉLISÉE RECLUS, CHARLES PERRON, PËTR KROPOTKIN

O precursor do método reclusiano e kropotkiniano do ensino da geografia foi um autor que seria difícil definir como simpatizante do anarquismo: Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), cujo trabalho foi descrito por um anarquista que se interessou muito pela geografa, mas que dificilmente poderia definir-se como um geógrafo: James Guillaume. Este último

consagra a Pestalozzi e a seu orfanato de Yverdon (perto de Neuchâtel, na Suíça romanda), um relato histórico em que se destacam as visitas neste instituto de Carl Ritter (1779-1859), mestre reconhecido da geografia europeia que considerou importante, por sua vez, definir-se, ele, Ritter, como "aluno" de Pestalozzi. Segundo um testemunho citado por Guillaume, Ritter « veio duas vezes para Yverdon, em setembro 1807 e janeiro 1809 e durante a sua estadia em Genebra em 1811 e 1812, « visitou muitas vezes o instituto, mantendo correspondência com Pestalozzi. Quarenta anos depois da sua estadia ele [Ritter] diz ao historiador Louis Vuillemin: - 'Pestalozzi não sabia quase nada de geografia, mas foi conversando com ele que eu senti se despertar em mim os princípios dos métodos naturais. Foi ele quem abriu os meus horizontes, e tudo o que eu fiz, pertence a ele de alguma maneira » (Guillaume, 1890, p. 223).[2]

É o mesmo Vuillemin que explicita quais eram os métodos naturais do ensino geográfico de Pestalozzi:

> Os primeiros rudimentos da geografia nos eram ensinados no campo. Primeiro, nosso passeio se dirigia a um vale estreito perto de Yverdon, onde passa o rio Buron. Os mestres nos faziam percorrer esse caminho no conjunto e nos detalhes, até que nos tivéssemos a intuição justa e completa dele. Então nos convidavam a fazer uma escultura de argila, que ficava em camadas nos flancos do vale, e nós enchíamos [de argila] algumas grandes cestas levadas para essa ocasião. De volta ao castelo, cada um de nós, sobre uma grande mesa, reproduzia na argila o relevo do vale que tínhamos estudado. Nos dias seguintes, novos passeios, novas excursões, sempre de um ponto de vista mais alto e, a cada vez, uma nova visão de nosso trabalho. Continuámos assim até que acabámos o estudo da bacia de Yverdon, até que a tivéssemos esmiuçado em sua totalidade do alto do monte e que tivéssemos completado o nosso relevo. Somente então passávamos do relevo ao mapa, que esboçávamos somente depois de ter compreendido o território (Ibid., p. 227-228).

As frequentes referências de Ritter à "Terra como casa da educação da humanidade", sua antipatia para os saberes enumerativos e dogmáticos e seu ativismo no desenvolvimento da instrução universitária devem muito ao educador suíço. A importância de Ritter para toda a formação da geografia europeia do século XIX é reconhecida universalmente e a passagem de suas ideias aos geógrafos que se ocuparam da educação é destacada tanto por autores francófonos (GIRARD, 1827; FISCHER, MERCIER e RAFFESTIN 2003; HUBER 1997) como por anglófonos (DANIEL e ELLIOT, 2006). É evidente que os métodos naturais são

[2] Todas as citações em francês e inglês foram traduzidas pelo autor

aceitos sem dificuldades por os geógrafos anarquistas, também considerando que Reclus foi aluno de Ritter em Berlim.

Tanto na biografia como em outros escritos, Guillaume desenha Pestalozzi como um mestre bastante original para sua época, enfocando o seu papel no movimento iluminista e seu envolvimento com a Revolução Francesa. Ele fora nomeado, em 1792, como "cidadão francês" pela *Assembée nationale*, que o creditou como "um dos homens que, seja pelos escritos, seja pela coragem, têm contribuído muito à causa da liberdade e têm preparado a libertação dos povos" (GUILLAUME, 1908, p. 438). Consoante Guillaume, Pestalozzi foi "o mais original e o mais corajoso entre os pensadores e escritores (e também entre os homens de ação) da Suíça alemã no século XVIII" (Ibid., p. 427). O projeto de Pestalozzi para a educação das classes populares inspirará ao mesmo tempo os sistemas europeus da educação pública e as escolas libertárias como a escola de Cempuis, a *Escuela Moderna* e as Universidades populares.

A primeira declaração conhecida de um geógrafo que acredita no valor estratégico da educação popular é um panfleto produzido por Charles-Eugène Perron (1837-1909) chamado *De l'obligation en matière d'instruction*, apresentado no congresso de Bruxelas, na Primeira Internacional, e impresso em Genebra em 1868. "A ignorância: eis o vicio social orgânico, a causa primeira da desordem! É ali que deve-se bater, e bater forte, pois se conseguirmos fazer desaparecer esta lepra, a verdadeira, a última revolução será realizada" (PERRON, 1868, p. 9). Este pintor genebrino é um dos fundadores da Internacional antiautoritária, e durante os anos de 1867 a 1871, é o principal contato de Mikhail Bakunin na Suíça. Além disso, ele trabalhou como cartógrafo de Reclus: as suas realizações, bem como os relevos da Suíça e do Museu Cartográfico (FERRETTI, 2012a), são atualmente objeto de pesquisa na Universidade de Genebra, no interior do projeto *Écrire le Monde Autrement : géographes, ethnographes et orientalistes en Suisse romande, 1868-1920, des discours hétérodoxes,* FNS div. 1, 2012-2015.[3]

Élisée Reclus, assim como o seu primo Franz Schrader, estava envolvido na redação dos verbetes geográficos do *Dictionnaire*. Segundo Jean-Pierre Chevalier, tal participação implica que a influência de Reclus na geografia escolar francesa é mais importante e mais durável do que se concebeu até agora: Reclus é considerado, para este autor, "juntamente com Emile Levasseur [...] o pai da geografia escolar francesa" (CHEVALIER, 2009, p. 250). Outros

[3] http://www.unige.ch/ses/geo/recherche/projets/EMONA.html

autores destacam que a influência de Reclus no *Dictionnaire* não se limite somente por sua atuação, mas também por seu arcabouço intelectual: sempre com Emile Levasseur, ele é "o autor mais citado por Franz Schrader no seu artigo *Geografia*" (DENIS e KAHN, 2003, p. 111).

Inspirado pelo "ativismo" de Pestalozzi e pelo anarquismo de Bakunin e Proudhon, Reclus expõe o seu método "didático e natural" em obras como *Histoire d'une montagne*: "A verdadeira escola tem que ser a natureza livre, com suas belas paisagens que se pode contemplar suas leis que podem ser captadas na observação do que é vivo, mas também seus obstáculos que se precisa superar. Não são em estreitas salas com janelas cerradas que se farão homens corajosos e honestos" (RECLUS, 1880, p. 248).

Os passeios realizados no vale de Yverdon se parecem muito com um modelo que será muito utilizado pelos geógrafos entre os séculos XIX e XX chamado de a "secção do vale" (ROBIC 2001). Esta definição chega ao célebre *Valley Plan of Civilisation* de Patrick Geddes, cujo método em que o vale é utilizado como conjunto geográfico, histórico e conceitual chega ao escocês diretamente dos geógrafos com os quais ele colabora diretamente: Reclus e Kropotkin (FERRETTI, 2010 e 2012b).

Reclus consagra à educação libertária um capítulo de sua última obra *L'Homme et la Terre* e pratica diversas experiências de ensino, desde o primário até o nível universitário, durante a sua experiência na *Université Nouvelle* de Bruxelas. Nesta época, ele é uma das referências principais de Francisco Ferrer, com o qual se corresponde e colabora para a construção de materiais didáticos, como pequenos globos em cartão, para a escola de Barcelona.[4]

O artigo que Reclus escreve para o *Boletín de la Escuela Moderna* serve de matriz para algumas de suas palestras mais célebres nestes anos, como a intervenção de 1903 na *Royal Geographical Society* de Londres, onde o geógrafo anarquista solicita a interdição dos mapas bidimensionais ao nível da educação primária, para estimular nas crianças um conhecimento direito do mundo, enquanto que os manuais cheios de ideologia patriótica, e sobretudo os mapas, apresentariam o mundo em proporções completamente falsas, provocariam problemas na aprendizagem da geografia que seriam muito difíceis de corrigir no adulto (RECLUS, 1903, tr. Pt. 2012).

[4] Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits Occidentaux, Nouvelles Acquisitions Françaises (BNF, NAF) 22914, ff. 216-218.

Reclus também se envolveu, durante o seu exilo na Suíça, com as primeiras "conferências populares" de Genebra, que nos anos seguintes serão estimuladas por geógrafos como William Rosier (HEIMBERG, 1996, p. 544); Reclus é convidado, desde 1875 em Genebra (ibid., p. 150), para falar de argumentos geográficos e políticos que serviriam essencialmente para a instrução das classes populares. Esta experiência, pouco documentada na Suíça, é minuciosamente descrita nas fontes da polícia francesa, que exercia um controle estreito sobre os comunardos exilados.[5]

No mesmo rastro de Pestalozzi inserem-se os escritos anglófonos sobre a educação geográfica de dois amigos e colaboradores de Reclus, quais sejam Kropotkin e Geddes (1902), afirmando a importância dos métodos naturais e do desenvolvimento autônomo das capacidades da criança-individuo. Kropotkin, respondendo a um pedido do geógrafo inglês Scott Keltie (1840-1927) sobre o estado da educação geográfica, escreve na prisão um dos seus artigos mais famosos, *What Geography Ought to Be*, acreditado como uma espécie de manifesto da educação libertária em geografia (KROPOTKIN, 1885).

FERDINAND BUISSON, JAMES GUILLAUME E PAUL ROBIN: ENTRE LIBERAIS E LIBERTÁRIOS

James Guillaume e Ferdinand Buisson, aqui arrolados nesta discussão, se inserem como protagonistas de importantes intercâmbios culturais, já que eles transitam em diferentes contextos nacionais e institucionais, da França à Suíça. Do ponto de vista político, eles se articulam com personagens de diferentes posições políticas, desde o meio dos exilados do Segundo Império francês e dos internacionalistas, até os escritórios do ministério de Jules Ferry e da editora Hachette, envolvidos no gigantesco projeto de construção do sistema francês da educação pública desde os anos 1870. Hoje, assistimos na França a uma redescoberta espetacular da figura de Ferdinand Buisson (PEILLON 2010; DENIS e KAHN, 2006) enquanto que pouco se fala de James Guillaume, apesar do fato de ele ter sido explicitamente o perno do *Dictionnaire de Pédagogie*.

Guillaume foi o animador da *Fédération Jurassienne*, organização suíça que está na origem do movimento anarquista internacional: segundo Marc Vuilleumier, pode-se considerar o papel de Guillaume, nos anos 1870, como até mais importante de que aquele exercido por Bakunin (VUILLEUMIER 2012). Em 1877, Guillaume, que ensina historia e literatura no

[5] Centre d'Accueil et de Recherche des Archives Nationales (CARAN), Dossier Élisée Reclus, BB 24/732.

liceu industrial de Locle, é um dos primeiros a responder a uma circular da seção internacionalista de Vevey, organizada por Perron e Reclus, em que coloca em causa o problema da educação libertária.

Estamos bem longe de ter assegurada a instrução de que precisamos para lutar com vantagem contra os opressores. Por uma sangrenta ironia, é a eles que temos que recorrer quando se trata de reunir os conteúdos sobre o que aprendemos. A maioria dentre nós é forçada ainda a enviar suas crianças a escolas em que os homens, comprados pela burguesia, trabalham para perverter o bom senso e a moral ensinando não as coisas da ciência, mas as fábulas impuras do cristianismo; não as verdades do homem livre, mas as práticas do escravo (GUILLAUME, 1985, vol. IV, p. 147).

Neste começo do movimento da pedagogia libertária, os internacionalistas suíços decidem de reimprimir um curto livro de Guillaume, *Esquisses Historiques* (1874), que pretendia ensinar aos jovens e aos proletários os novos rumos científicos sobre a pré-história e a historia antiga, que desmentissem os contos bíblicos ainda ensinados em muitas escolas. A história de Guillaume foi escrita, segundo um biografo, "num estilo simples e despojado de todas as superstições monárquicas e teológicas" (M. DUBOIS, 1914, p. 235). A segunda parte do projeto, *Esquisses géographiques*, que visava igualmente se dedicar à educação popular, deveria ter sido a obra de Elisée Reclus. Kropotkin participa do debate e propõe dividir a obra em duas partes:

"A primeira, uma Geografia física, que pretenderá atacar o que a religião ensina sobre as origines da terra, das espécies e dos homens (...) a segunda parte, uma Geografia social, cuja obra somente pode ser realizada por socialistas" (NETTLAU, 1930, vol. II, p. 49-50).

É necessário destacar a afirmação do valor antirreligioso da geografia física como ciência natural e racional, e o feito de que os anarquistas já falavam, em 1877, nos termos de uma geografia social, antecipando a definição científica dessa expressão. No entanto, problemas econômicos e empenhos de Reclus impedem a realização deste projeto (GUILLAUME, 1985, vol. IV, p. 148).

Para fornecer outros exemplos do valor estratégico do ensino livre por parte dos revolucionários jurassianos, podemos citar o encontro de Guillaume com Buisson, que viveu na Suíça de 1864 a 1871 devido a seu exilo republicano (TOMEI, 2004; HAYAT, 2009). Buisson é originário de um meio familiar protestante e consagra sua tese ao "protestantismo liberal" de Sébastien Castellion, vítima da intolerância dos calvinistas genebrinos do século

XVI. Ensinando em Neuchâtel, onde conhece os jovens Guillaume e Robin, Buisson constrói uma reputação bastante famigerada nos meios religiosos locais, como testemunham cartas enviadas ao diretor da academia, onde estudantes fanáticos reclamavam da sua proposição de abolir o ensino religioso da escola pública. "Precisamos fazer um protesto contra a leitura ímpia do senhor Buisson na ocasião do sábado a noite, e por isso, não podemos mais assistir aos seus cursos na Academia, porque sentimos que é primeiramente necessário testemunhar a verdade de Deus."[6]

Buisson, na Suíça, participa de congressos da Liga da Paz e da Liberdade, eventos frequentados por pessoas como Bakunin, Perron e os irmãos Reclus. Ele estará muitas vezes bastante próximo dos meios do socialismo radical na França, ocupando-se também, durante a comuna de Paris, de um orfanato no *XVII Arrondissement*, mesmo bairro onde o seu irmão Benjamin é um dos protagonistas do movimento da Comuna e amigo de Benoît Malon (TOMEI, p. 271). A mesma região é frequentada pelos irmãos Reclus, que publicam com Malon a revista da seção internacionalista de Batignolles e Ternes, *La République des Travailleurs* (1871)

Na década sucessiva outros cruzamentos entre história, política e trabalho científico fazem de Guillaume um exilado ao contrário, já que, em 1878, ele muda do Jura a Paris, onde Buisson lhe confia o trabalho editorial para colaborar com o seu monumental dicionário. Esta obra será creditada como sendo o cerne das políticas da Terceira Republica em matéria de educação pública e laica, consoante Patrick Dubois, ela "se tornava de fato, em curso de publicação, numa das porta-vozes autorizadas da nova legislação escolar e da reforma pedagógica que a acompanhava" (P. DUBOIS, 2002, p. 14). Já que Buisson tinha muitas obrigações institucionais, "Guillaume tornou-se o perno do *Dictionnaire* e, ao mesmo tempo, assegurou o secretariado da *Revue Pédagogique* junto ao editor da Delagrave" (ibid., p. 82).

Consultando os arquivos de Hachette, podemos inferir quanto à importância do trabalho de Guillaume no dicionário através de uma carta onde ele relata a sua contribuição para a segunda edição (Buisson, 1911), que o consome desde 1906 até 1911.

> 1. Para os velhos artigos de outros autores que eu tenho que reler, editar e atualizar: cinco francos por coluna; 2. Para meus artigos, novos ou velhos, cinco francos por coluna; 3. Para as traduções que eu fiz dos

[6] Archives de l'État de Neuchâtel, UNI 6, Dossiers des Professeurs, M. Ferdinand Buisson, lettre de M.-F. Louve et T.-L. Maltez, 7 déc. 1868.

artigos de colaboradores estrangeiros (do alemão, do espanhol, do inglês, do português): cinco francos por coluna; 4. Para o trabalho de secretariado (correspondência com os colaboradores, conferências, serviços): quinze francos por página; 5. Para todos os demais trabalhos do dicionário, sobretudo a impressão do volume, a leitura das provas, a revisão dos manuscritos etc., cinquenta francos por página.[7]

O trabalho de redação era sem dúvida o mais importante para a primeira edição, compreendendo não somente os verbetes assinados por Guillaume, mas também, "um trabalho editorial e redacional titânico" (P. DUBOIS, 2002, p. 18) dos verbetes anônimos, segundo Dubois. Então, a rigor, esta obra deveria ser reconhecida muito mais como Dicionário Buisson-Guillaume do que Dicionário Buisson, já que o trabalho do segundo foi sem dúvida mais importante do que o do primeiro.

Guillaume se ocupa, logo depois, de um outro trabalho hercúleo: a nova edição crítica dos documentos do *Comité d'Instruction publique* da Convenção, na perspectiva de redigir uma história geral da educação pública desde a Revolução de 1789, que interessava da mesma maneira a Jules Ferry (ministro da Instrução pública de 1879 e presidente do conselho de 1880). O interesse político de Guillaume é evidente, já que o debate sobre a educação é, nesses anos, "a aposta central de um conflito político e cultural" (Ibid, p. 18) entre clericais e laicos. Alguns estudos recentes apontam que Guillaume, lidando com a revolução do século precedente, "faz da obra de historiador: uma história que é inseparável de suas preocupações" (AYOUB e GRENON, 1997, pp. 6-7).

O dicionário, aberto a todas as ideias, já que a responsabilidade das opiniões pertencia aos autores de cada verbete, se caracteriza como um suporte para todas as experiências da educação primaria laica que são dirigidas para as classes populares. Tirar da Igreja o monopólio deste setor é uma tarefa central para os anarquistas desta época: sobre este terreno, eles não viam problemas em associar-se com liberais, republicanos e livres-pensadores em geral. Na gama heterogênea dos colaboradores do dicionário, os anarquistas são representados também por Paul Robin, que redige uns vinte verbetes e que Buisson nomeia inspetor escolástico em Cempuis, onde os métodos libertários são experimentados por a primeira vez.

Robin é sem dúvida o terceiro dos atores principais da rede que se desenvolve em torno da colaboração Buisson-Guillaume: exilado do Segundo Império como Buisson e Reclus, a sua estadia na Suíça de 1870-71 é fundamental para a sua formação política e científica, porque se

[7] Institut Mémoire de l'Edition Contemporaine (IMEC), Fonds Hachette, HAC 16.3, Fonds James Guillaume, lettre de J. Guillaume à G. Bréton, 4 nov. 1910.

torna amigo íntimo de Bakunin, Guillaume e Perron. Ele é também um vetor de ligação entre a pedagogia libertária e as primeiras declarações da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) sobre a educação popular. Em seus congressos de Genebra, em 1866, e de Lausanne, em 1867, a AIT propõe que se trabalhe sobre o problema da educação dos filhos das classes trabalhadoras, nomeando Robin como relator de um estudo (que, posteriormente foi adiado por causa da guerra franco prussiana de 1870) (Devresee, 1999).

Em Cempuis, as ideias anarquistas e a propaganda neo-malthusiana de Robin causam as protestos da imprensa conservadora até que um ministro reacionário aproveita o primeiro pretexto para fechar Cempuis, apesar das contestações de Buisson e de Pauline Kergomard. Benjamin Buisson, o irmão de Ferdinand, escreveu então que "as pessoas iam a Cempuis como no passado iam a Yverdon para encontrar Pestalozzi" (BRUNET, 2012). Alguns anos mais tarde, Robin participará também, junto com os irmãos Reclus, na aventura da Universidade Nova de Bruxelas, onde o primeiro vai ministrar um curso sobre educação integral no ano acadêmico de 1895-1896 (CODELLO, 2005; DEMEULENAERE-DOUYÈRE, 1994).

Nos mesmos anos, James Guillaume, sempre ativo, se apaixona pelas lutas do sindicalismo revolucionário de Pierre Monatte, considerada uma espécie de continuação da Internacional antiautoritária, a propósito do que escreve os seus quatro volumes de *Souvenires* da Internacional. Guillaume se ocupa também de publicações geográficas, como a revista do *Club Alpin Français* e a segunda edição de uma outra publicação de ponta de Hachette, o *Dictionnaire de la France* (Dubois, 1992, p. 82), em companhia de Franz Schrader e de três dos Reclus (Elie, Élisée et Onésime). No mesmo período escreve também um livro, que se mantém inédito, sobre a exploração da geleira do Aar por Agassiz e Desor. O manuscrito (de 1899), que encontramos nos arquivos do Centro Internacional de História Social de Amsterdã, está agora em curso de publicação parcial na Suíça (Guillaume, Perron e Reclus, 2013).

A ESCOLA FERRER DE LAUSANNE E AS REDES PEDAGÓGICAS SUÍÇAS

Existe uma filiação direita entre as redes de Elisée Reclus na Suíça e a experiência de educação libertaria colocada em prática na Escola Ferrer de Lausanne (1909-1919). Em 1877, é graças ao meio internacional e cosmopolita, florescente no "litoral suíço" entre Clarens e Montreux, onde morava Reclus, que o Holandês Sikko Roorda van Eysinga (1825-1887), (pai de Henri Roorda), muda para a Suíça e colaborará, ademais, com a *Nova Geografia*

Universal, como especialista sobre a Holanda e a Indonésia, ocasião em que também dá palestras na Sociedade de Geografia de Genebra (LE GLOBE, 1878, pp. 113-123).

Os arquivos da Escola Ferrer, o seu *Boletim* e os escritos de alguns de seus animadores, como Roorda e Jean Wintsch, nos sugerem uma imagem bem diferente do estereótipo das experimentações libertarias como experiências isoladas da sociedade. A Escola Ferrer pretende explicitamente dialogar com outras experiências pedagógicas desta época, mais ou menos experimentais, mas em todo caso públicas e laicas.

No seu panfleto mais célebre, *Le pédagogue n'aime pas les enfants* (*O pedagogo não gosta de crianças*), Henri Roorda faz um verdadeiro elogio à escola pública da sua época: a opção da pedagogia libertaria, em sua opinião, não pretende destruir a escola pública existente, mas melhorar constantemente o princípio mesmo da escola pública (ROORDA, 2012, pp. 7-13).

Também Wintsch acha que "nós não inventamos nada e não pretendemos nada de extraordinário" (WINTSCH, 2009, p. 53).

Isto sugere que o lugar-comum do isolamento dos libertários não se pode aplicar a situações como a Escola Ferrer. As fontes documentam uma experiência que mobiliza redes e debates muito além de pequenas dimensões, que supostamente envolviam apenas algumas dezenas de crianças e um núcleo de pedagogos voluntaristas e obstinados como Théodore Matthey, Théodore Rochat e Louis Avennier. O próprio exemplo de Pestalozzi é utilizado muitas vezes como referência pedagógica pelos animadores da escola libertária, lembrando, contudo, que o orfanato de Yverdon ficava parcialmente fora das instituições, sendo reconhecido pelo Cantão mas não pelo Governo federal (GIRARD 1950; HUBER 1997).

Seria interessante destacar, ademais, a internacionalização da escola de Lausanna, que se funda em 1909, na onda de comoção pela morte de Ferrer y Guardia, assassinado pelo Estado espanhol depois de um processo ilegal demandado pelos clericais. Uma das revistas de referência de Wintsch e Roorda é a *Educação Integral* de Paul Robin e a conexão deles com o movimento libertário internacional não passa somente por Reclus - que joga um papel paterno na formação das ideias e da personalidade de Roorda jr. (RECLUS, 1925; ROORDA, 1907) - mas também pela direta colaboração com Luigi Bertoni, redator da revista bilíngue *Il Risveglio/Le Réveil* e correspondente de Kropotkin e Guillaume. Além disso, Roorda fez a sua primeira experiência no ensino superior na Universidade Nova de Bruxelas junto com Reclus e Robin (Reclus, 1925, pp. 168-169).

Nos escritos de Wintsch e de Roorda observam-se frequentes comparações entre a educação libertaria e o movimento chamado da *Education nouvelle*, baseado no Instituto Jean-Jacques Rousseau de Genebra. Roorda cita com admiração o diretor desse instituto, Édouard de Claparède (ROORDA, 2012, p. 77), e, quando surge uma polêmica entre a escola Ferrer e um outro representante da *Education nouvelle*, Adolphe Ferrière, a divergência concerne essencialmente ao caráter elitista da escola proposta por Ferrière (demasiado cara para os filhos dos proletários) e não verdadeiramente aos métodos pedagógicos.

O diálogo entre as duas experiências, em todo caso, é documentado pelo *Boletim*, que demonstra também como a geografia era ensinada na escola Ferrer através de passeios, excursões e atividades externas (mas que não eram tão somente de caráter naturalista, porque se estas efetuavam também em visitas a mercados e fábricas).

Destacamos finalmente que na Suíça, tanto quanto na França, a escola pública também se estabelece nesta época, e que a sua formação não será feita sem um dialogo com as experiências libertárias, que a geografia ajudava a promover. Na segunda metade do seculo XIX, se fundam revistas pedagógicas nas três línguas da Confederação: *L'educatore della Svizzera italiana* (ESI); *Éducateur et bulletin corporatif: organe hebdomadaire de la Société Pédagogique de la Suisse Romande*; *Schweizerische pädagogische Zeitschrift*. Estas revistas publicam muitas das contribuições sobre o ensino da geografia, e no caso da revista do Cantão Ticino, se trata frequentemente de artigos de Reclus (ESI 15, 1873; 17, 1875), membro da associação "demopedeutica" da Suíça italiana de 1872 até 1884 (ESI, 4, 1905, p. 207), e do geógrafo libertário italiano, amigo de Reclus e exilado voluntariamente em Lugano, Arcangelo Ghisleri (ESI, 63, 1921). Da mesma maneira, a revista francófona da Suíça romanda publica várias contribuições de Roorda e Wintsch.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa em curso está demonstrando, de um lado, a importância da geografia na "invenção" da pedagogia libertária e das experiências de educação popular organizadas por o movimento obreiro através de universidades populares e ateneus libertários, graças também à grande popularidade política e cientifica de personagens como Reclus e Kropotkin.

Do outro lado, acreditamos ter demonstrado que a geografia e a educação libertária jogaram todas as duas um papel ainda a se investigar na formação dos sistemas de educação pública entre os séculos XIX e XX. Os libertários não eram isolados ou marginais, mas dialogavam

com pessoas envolvidas com postos institucionais, acabando por ter uma influência significativa na orientação laica e popular da escola pública.

Achamos que a contribuição principal para o presente é que essa historia pode ainda dialogar com as presentes experiências de educação autogestionada, existentes em diferentes países, onde a geografia pode jogar um papel de formadora de ferramentas críticas do indivíduo e de suporte para compreender o mundo. De outro lado, tais experiências nos ensinam que os geógrafos que trabalham em situações institucionais como professores, pesquisadores ou mestres nas universidades, nos liceus ou na escola primaria, e que sejam interessados a uma pedagogia da emancipação, podem aproveitar seus espaços profissionais para veicular ideias e práticas no sentido de uma escola para todos, de uma escola que sirva ao indivíduo sem doutriná-lo, de uma escola aberta às diferenças culturais e livre de saberes dogmáticos. A geografia, e a sua abertura para o mundo, pode sem dúvida contribuir neste percurso.

Geography, Libertarian Education and Public School: a program for emancipation through knowledge

Abstract: This paper deals with the role played by the anarchist geographers Elisée Reclus and Peter Kropotkin in the foundation of the movement of libertarian schools, popular universities and university extensions in Europe between the 19th and the 20th centuries, which is still not very known in the historiography on libertarian pedagogy. At the same time, we stress the role of anarchist scientists like James Guillaume, close to Reclus and Kropotkin, in building the French system of public education during the Third Republic, to clarify the role of libertarian pedagogy, and geography, in the establishing of the principles of public, popular and secular education.

Keywords: Elisée Reclus. James Guillaume. Libertarian Pedagogy. Public School.

ARQUIVOS

Caen - Institut Mémoire de l'Edition Contemporaine (IMEC), Fonds Hachette, HAC 16.3, Fonds James Guillaume.

Neuchâtel - Archives de l'État de Neuchâtel, UNI 6, Dossiers des Professeurs, M. Ferdinand Buisson.

Paris - Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits Occidentaux, Nouvelles Acquisitions Françaises (BNF, NAF) 22914.

Paris - Centre d'Accueil et de Recherche des Archives Nationales (CARAN), Dossier Élisée Reclus, BB 24/732.

FONTES IMPRESSAS

BUISSON Ferdinand (org.). *Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire*. Paris : Hachette, 1878-1887.

=== (org.). *Nouveau Dictionnaire de pédagogie et d'Instruction primaire*. Paris : Hachette, 1911.

FERRIERE Adolphe. "Correspondance". *Bulletin de l'École Ferrer*, 2, 1916, pp. 7-8. 22| Geografia, educação libertária e escola pública...

P. Geddes, 1902, "Nature study and geographic education", *The Scottish Geographical Magazine*, XVIII, pp. 525-535.

GUILLAUME James, 1874, *Esquisses historiques : études populaires sur les principales époques de l'histoire de l'humanité.* Neuchâtel : Imprimerie L.-A. Borel.

=== *Pestalozzi : étude biographique*. Paris : Hachette, 1890.

=== *Études révolutionnaires*. Paris : Stock, 1908-1909.

=== *L'Internationale. Documents et souvenirs*, Paris : Éditions Gérard Lebovici, 1985.

=== PERRON Charles, RECLUS Elisée. *Les Alpes*. Genève : Héros-limite, 2013.

KROPOTKIN Petr. "What geography ought to be", *The Nineteenth Century*, 18, 1885, pp. 940-956.

PERRON Charles. *De l'obligation en matière d'instruction*. Genève : Tip. Vaney, 1868.

RECLUS Elisée. *Histoire d'une montagne*, Paris : Hetzel, 1880.

===. *Correspondance, vol. III*, Paris : Schleicher, 1925.

ROORDA VAN EYSINGA Henry. "Élisée Reclus propagandiste". *La Société nouvelle, revue internationale,* n. 2, 1907, p. 186-199.

===. *Le pédagogue n'aime pas les enfants*. Paris : Les mille et une nuits, 2012.

WINTSCH Jean. *L'École Ferrer, un essai d'institution ouvrière*. Lausanne, 1919.

REFERENCIAS

AYOUB Josiane et GRENON Michel. *Procès-verbaux du Comité d'instruction publique publiés et annotés par J. Guillaume*. Paris : L'Harmattan, 1997-1998.

BRUNET Martine. "Ferdinand Buisson et James Guillaume, une histoire d'amitié". *La Révolution prolétarienne*, 2012, n. 777.

CHEVALIER Jean-Pierre. "Élisée Reclus, la géographie scolaire et le Dictionnaire de Ferdinand Buisson". In BORD Jean-Pierre (org.) et alii, *Élisée Reclus – Paul Vidal de la Blache : Le Géographe, la cité et le monde, hier et aujourd'hui. Autour de 1905.* Paris: L'Harmattan, 2009.

CODELLO Fracesco. *La buona educazione: esperienze libertarie e teorie anarchiche in Europa da Godwin a Neill*. Milano: Angeli, 2005.

DEMEULENAERE-DOUYERE Christiane. *Paul Robin (1837-1912) : un militant de la liberté et du bonheur*. Paris : Publisud, 1994.

DENIS Daniel, KAHN Pierre. *L'école républicaine et la question des savoirs : enquête au coeur du Dictionnaire de pédagogie de Ferdinand Buisson*. Paris : CNRS, 2003.

DEVRESEE Daisy. "The International working Men's Association (1864) and Workers' education: an historical approach". *Paedagogica Historica*, 35, 1999, pp. 16-21.

DUBOIS Marcel. "James Guillaume historien". *La Vie Ouvrière, revue syndicaliste bimensuelle*, VI, 106, 1914.

DUBOIS Pierre. *Le Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire de Ferdinand Buisson : répertoire biographique des auteurs*, Paris-Lyon-Rouen, Institut National de Recherche pédagogique, 2002.

ELLIOT Paul, DANIELS Stephen. "Pestalozzi, Fellenberg and British nineteenth-century geographical education". *Journal of Historical Geography*, 32, 2006.

FERRETTI Federico. "Les Reclus et la Maison Hachette : la première agence de la géographie française ?". *L'Espace Géographique,* n. 3, 2010, pp. 239-252.

===. "Cartografia e educação popular. O Museu Cartográfico de Élisée Reclus e Charles Perron em Genebra (1907-1922)". *Terra Brasilis, Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, 1, 2012a http://terrabrasilis.revues.org/164

===. "Aux origines de l'aménagement régional : le schéma de la *Valley Section* de P. Geddes (1925)". *M@ppemonde*, n. 108, 2012b, http://mappemonde.mgm.fr/

FISCHER Claire, MERCIER Claude, RAFFESTIN Claude. “Entre la politique et la science, un géographe genevois: William Rosier”. *Le Globe*, 2003, n. 143.

GIRARD Grégoire. *Rapport sur l'Institut de M. Pestalozzi à Yverdon, rédigé par Grégoire Girard, suivi des remarques de Pestalozzi sur le résultat de ce rapport, édité et commenté par Eugène-Joseph Egger*. Fribourg : Société fribourgeoise d'éducation, 1950.

HAYAT Pierre. “Entre religion laïque et laïcité religieuse ; traces de l’épisode neuchâtelois dans la pensée républicaine de Ferdinand Buisson (1841-1932)”. In *Cinq siècles d’histoire religieuse neuchâteloise*. Neuchâtel : Université de Neuchâtel, 2009, pp. 365-372.

HEIMBERG Charles. *L’oeuvre des travailleurs eux-mêmes? Valeurs et espoirs dans le mouvement ouvrier genevois au tournant du siècle (1885-1914)*. Genève : Slatkine, 1996.

===, WINTSCH Jean. *L’École Ferrer de Lausanne*. Lausanne: Entremonde, 2009.

HUBER Bernard. “Une étape déterminante dans l'évolution de l'enseignement de la géographie : J.-H. Pestalozzi à Yverdon (1805-1825)”. *Geographica helvetica* 4, 1997, p. 129-132.

NETTLAU M. *Eliseo Reclus: vida de un sabio justo y rebelde*. Barcelona: Edicciones de la Revista Blanca, 1928-1930. 24| Geografia, educação libertária e escola pública...

PEILLON Vincent. *Une religion pour la République : la foi laïque de Ferdinand Buisson*. Paris : Seuil, 2010.

ROBIC Marie-Claire. “Le ‘val’ comme laboratoire de géographie humaine ? Les avatars du Val d'Anniviers”. *Revue de géographie alpine*, n. 89, 2001, p. 67-94.

ROMANI Carlo. “Da Biblioteca Popular à Escola Moderna. Breve história da ciência e educação libertária na América do Sul”. *Educacão Libertaria*, São Paulo n.1, 2006, pp. 87-100.

ROSA DA SILVA, Rodrigo. *Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920).* Tese de doutorado, São Paulo, USP, 2013.

TOMEI Samuel. *Ferdinand Buisson (1841-1932), protestantisme libéral, foi laïque et radical-socialisme*. Lille: ANRT, 2004.

VUILLEUMIER Marc, *Histoire et combats: mouvement ouvrier et socialisme en Suisse 1864-1960*. Genève: Éditions d’en bas/Collège du Travail, 2012.

SOBRE O AUTOR

FEDERICO FERRETTI. Possui doutorado em Geografia - Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne (2011). Seus trabalhos principais tratam das redes dos geógrafos e intelectuais heterodoxos que participaram nos projetos científicos de Elisée Reclus (1830-1905). Trabalha atualmente na Universidade de Genebra com o projeto de pesquisa *Escrever o Mundo Diferentemente*, *Geógrafos, Etnógrafos e Orientalistas na Suíça romanda, 1864-1920, uns discursos heterodoxos*. É membro associado do laboratório UMR Géographie-cités, Equipe EHGO - Epistémologie et Histoire de la Géographie, em Paris, e do laboratório LAPEHGE - Laboratório de Política, Epistemologia e História da Geografia, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Recebido para avaliação em 01 de Novembro de 2013

Aceito para publicação em 05 e Dezembro de 2013